



Resenhas

A propósito de 'O fim do império cognitivo', de Boaventura de Sousa Santos

Marcos de Jesus Oliveira

PPGIELA-UNILA





Foto: Fran Rebelatto. Belém, Brasil

170





O lançamento de *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*, de Boaventura de Sousa Santos e pela editora Autêntica, neste ano de 2019, é de suma importância para os debates críticos contemporâneos: pois reafirma a contribuição essencial do pensamento do sociólogo português para o extenso e vasto conhecimento que se convencionou chamar de “epistemologias do Sul”. No livro, o leitor terá acesso não apenas às teorizações de Boaventura, resultado de décadas de trabalho e de reflexão, mas também às de um conjunto diverso de pensadores/as espalhados/as pelo globo, com quem ele dialoga intensamente e cuja produção intelectual tem se destacado no cenário mundial: por problematizar o eurocentrismo de correntes teóricas hegemônicas. Nesse sentido, a publicação reitera a premissa defendida por Boaventura, em inúmeros de seus escritos, segundo a qual é preciso aprender a partir do Sul e com o Sul.

No prefácio do livro, Boaventura rememora a décima-primeira tese de Karl Marx sobre Feuerbach: “Os filósofos só *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de *transformá-lo*” (MARX, 1998, p. 103, grifos no original). Ao abrir o livro com a célebre frase do filósofo alemão, Boaventura pretende destacar a necessidade de não abandonarmos a reinterpretação do mundo em favor da ação, pois as interpretações tradicionalmente elaboradas estão inevitavelmente marcadas pelas necessidades de quem as elaborou, por uma série de pressupostos ocidentocêntricos: já que a Europa se tornou, com a conquista da América, o lugar privilegiado de enunciação. Das primeiras páginas à última, o texto parece perpassado por esse desejo de reinterpretação da realidade para que sua transformação ocorra a partir de uma nova imagem que dela fazemos.

Ademais do prefácio, o livro conta com uma introdução, doze capítulos e uma conclusão, totalizando 478 páginas, impossíveis de serem aqui sumarizadas. Os capítulos estão organizados em três partes intituladas “Epistemologias pós-abissais” (capítulos de 1 a 5), “Metodologias pós-abissais” (capítulos de 6 a 9) e “Pedagogias pós-abissais” (capítulos de 10 a 12). Já na introdução, Boaventura esclarece que as epistemologias do Sul se referem

à produção e à validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado. Chamo o vasto e muito diverso âmbito dessas experiências de Sul anti-imperial. Trata-se de um Sul epistemológico, não geográfico, composto por muitos seus epistemológicos que têm em comum o fato de serem conhecimentos nascidos em lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. (SANTOS, 2019, p. 17)

Ainda na introdução, Boaventura apresenta conceitos advindos de línguas não coloniais, cujo sentido está entrecruzado com lutas sociais, tais como: *ubuntu*, *sumak kawsay*, *pachamama*, *chachawarmi*, *swaraj* e *ahimsa*. Apenas a título de convite à leitura, é interessante observar que *ubuntu* foi essencial à justiça de transição na África do Sul pós-apartheid, que *sumak kawsay* (bom viver) e *pachamama* foram fundamentais no processo de construção do Estado plurinacional e pluriétnico na Bolívia, que *ahimsa* informou a luta pela independência da Índia contra o império britânico e que *chachawarmi* se configura como importante nas lutas por libertação de mulheres indígenas. A diversidade de conhecimentos surgidos no Sul global exige uma “ecologia dos saberes” que, segundo Boaventura (SANTOS, 2019, p. 28), é “o reconhecimento da copresença de diferentes saberes e a necessidade de estudar as afinidades, as divergências, as complementaridades e as contradições que existem entre eles”.

Na sequência, o capítulo primeiro, intitulado “Percurso para as epistemologias do Sul”, retoma conceitos anteriormente elaborados pelo pensador português, tais como: linha abissal, sociologia das ausências e sociologia das emergências. A ideia da existência de uma linha abis-



sal que divide o mundo em dois – de um lado, os considerados totalmente humanos e, de outro, os não humanos ou sub-humanos – é fundamental para compreender os mecanismos de produção da exclusão social no mundo desde o processo de colonização da América até os dias de hoje. Ciente dessa exclusão, a sociologia das ausências se esforça no sentido de cartografar a produção social e histórica dessas não existências, das existências tomadas como não humanas ou sub-humanas, ao passo que a sociologia das emergências visa a valorizar as formas de ser e de saber identificadas pela sociologias das ausências, potencializando-as para a luta e transformação políticas.

Em “Preparar o terreno”, Boaventura aborda a arrogância epistemológica da ciência do Norte que assegura a “prerrogativa de se proclamar universalmente válida”. Aí Boaventura explicita os inúmeros epistemicídios bem como o racismo e o sexismo epistêmicos operados pela ciência europeia e estadunidense em seu processo de deslegitimação e exclusão de outras formas de conhecimento que não as ocidentais (cf. SANTOS, 2010). Ao valorizar outras concepções de se fazer ciência, Boaventura critica, no capítulo seguinte, “Autoria, escrita e oralidade”, a concepção ocidental – ou seria ficção ocidental? – de autoria como originalidade, autonomia e criatividade, já que muitos conceitos originados no Sul não seguem a lógica de paternidade e de filiação própria à invenção linear ocidental de originalidade. Apresenta Pio Zirimu, linguista ugandês, a quem se atribui a invenção do termo *oratura* como forma de visibilizar as expressões literárias orais africanas e como forma de problematizar a noção de texto escrito.

Os dois capítulos seguintes que fecham a primeira parte da discussão – “O que é a luta? O que é a experiência” e “Corpos, conhecimento e *corazonar*” – apontam para os desafios de pensar o conhecimento e a luta como corpóreos contra a epistemologia branco-europeia que os supõe desencarnados das experiências vividas pelos sujeitos. No que diz respeito à luta, Boaventura destaca a experiência de Mahatma Gandhi que propôs a noção de não violência (*ahimsa*) pautada por princípios como a não cooperação, a desobediência civil e o conhecimento de si (*satya*). E, em relação ao conhecimento, aproxima a ideia de *corazonar* das comunidades indígenas andinas à de *sentipensar* do sociólogo colombiano Orlando Fals Borda, numa pretensão de fundar razão e emoção, inserindo o afeto como um componente fundamental do pensar e da luta por transformação política.

“Descolonização cognitiva: uma introdução” abre a segunda parte do livro na qual Boaventura apresenta dois problemas principais: “como descolonizar o conhecimento e as metodologias através das quais ele é produzido” e “como produzir conceitos e teorias híbridos pós-abisais, na linha de uma mestiçagem descolonizada cuja mistura de conhecimentos, culturas, subjetividades e práticas subverte a linha abissal em que se baseiam as epistemologias do Norte” (SANTOS, 2019, p. 161). Trata-se de um desafio ao qual se lança em diálogo com uma diversidade de pensadores/as, tais como Aimé Césaire, Ngugi wa Thiong'o, Valentin Mudimbe, Paulin Hountondji, Achille Mbembe, Sabelo J. Ndlovu-Gatsheni, Ranajit Guha, Sujata Patel, Syed Alatas, Ali Shariati, Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Orlando Fals Borda, Pablo González Casanova, Roberto Retamar, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Walter Mignolo, Nelson Maldonado-Torres, Catherine Walsh, Ramón Grosfoguel, María Lugones, Sylvia Wynter, Lewis Gordon, Édouard Glissant, Raewyn Connell, Jean e John Comaroff, entre tantos/as outros/as. No capítulo, a expressão “epistemologias do Sul” deixa de designar apenas a perspectiva teórica pela qual o trabalho de Boaventura é conhecido para também descrever uma sensibilidade compartilhada por um conjunto de pensadores/as preocupados/as em descolonizar, despatriarcalizar e/ou desmercantilizar o conhecimento.



“Sobre metodologias não extrativistas” aponta linhas para a produção de um conhecimento cooperativo a partir do reconhecimento de três ideias orientadoras intimamente articuladas: 1) todo conhecimento é incompleto; 2) todo conhecimento está marcado por interesses próprios, mas é possível fazê-los convergir; e 3) uma vez assumido o interesse de convergência entre os distintos conhecimentos, pode-se produzir um interesse metacognitivo voltado para o fortalecimento das lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. O conhecimento não é uma mera questão de método, mas produção artesanal tal como já havia sido proposto por Charles Wright Mills em *A imaginação sociológica*. Tudo isso exigirá desaprender uma série de hábitos do pensamento a partir de uma investigação pós-abissal com a qual se espera promover uma cura como atenuação do sofrimento injusto: “a cura é uma ação que visa restaurar ou reforçar a esperança de um dado grupo que enfrenta os fatores estruturais geradores de injustiça sistêmica, indutora de medo, revolta, raiva ou resignação” (SANTOS, 2019, p. 231).

“A experiência profunda dos sentidos” se embrenha pelos aspectos anteriormente salientados, reafirmando a ideia segundo a qual o conhecimento é essencialmente corpóreo e implica, portanto, os cinco sentidos. É bastante rico o conjunto de reflexões elaborado por Boaventura sobre a visão, o tato, o olfato, o paladar e a audição na produção de conhecimento. Aqui gostaria apenas de mencionar, como o faz o próprio autor, o célebre *Pode o subalterno falar?*, de Gayatri Spivak, para destacar quão desafiante é a escuta do “Outro”. Dando prosseguimento às reflexões sobre os limites da epistemologia ocidental, “A desmonumentalização do conhecimento escrito e arquivístico” exorta o leitor a ir em busca de bibliotecas e arquivos historicamente excluídos do processo de produção de conhecimento como ponto de partida para produzir epistemologias-outras. A crítica do capítulo recai sobre a ideia de que a filosofia surge entre os gregos antigos como manifestação de um pensamento puro. Sabe-se, hoje em dia, pela pesquisa de inúmeros investigadores, que o chamado pensamento grego antigo é resultado do encontro com pensamentos de raízes africanas e asiáticas. A ideia de que o pensamento ocidental se inicia entre os gregos antigos pretende fazer com que todo e qualquer conhecimento o tome como premissa, obstruindo outras fontes para o pensar.

A última parte, intitulada “Pedagogias pós-abissais”, se debruça extensivamente sobre o pensamento de Mahatma Gandhi e de Paulo Freire, além de se dedicar à discussão sobre os limites e as possibilidades da construção da pluriversalidade. Sobre Gandhi, Boaventura afirma que ele representou o “meio-termo entre o orgulho excessivo nas convicções próprias e o seu abandono em favor de uma visão de mundo multifacetada” (SANTOS, 2019, p. 309). A trajetória gandhiana é lida como um entre-lugar, um lugar em que a tradução de termos conflitantes é negociada, não para superá-los, mas para torná-los possíveis de convivência transformadora. Gandhi teve o mérito de formular uma ética da coabitação humana plural em que as diferenças coexistem pacificamente. Paulo Freire também merece atenção especial por ter revolucionado os modos tradicionais de fazer educação: “os círculos de cultura (em vez de escola), o coordenador (em vez do professor), as palavras geradoras (em vez de *currículo*), o diálogo (em vez de aula) fazem com que a educação seja uma prática da liberdade que prefigura a prática da libertação” (SANTOS, 2019, p. 357). O pensamento de Freire segue sendo inspiração no mundo todo por indicar caminhos bastante profícuos para a crítica da linha abissal.

O último capítulo, intitulado “Da universidade à pluriversalidade e à subversidade”, arremata a discussão até então proposta, insurgindo-se contra as tendências atuais de neoliberalização da universidade. Nele, Boaventura descreve exemplos práticos de processos de descolonização, de despatriarcalização e de desmercantilização da universidade e enumera alguns elementos sobre os quais podem incidir: “acesso à universidade (de estudantes) e acesso a uma carreira universitária (dos docentes); a investigação e conteúdos pedagógicos; disci-



O fim do império cognitivo

plinas do conhecimento, *curricula* e programas; métodos de ensino/aprendizagem; estrutura institucional e governação universitária; relações entre a universidade e a sociedade em geral” (SANTOS, 2019, p. 376). Em suas considerações finais, Boaventura reafirma a ideia de que as epistemologias do Sul buscam a democratização do conhecimento e a produção de justiça epistêmica e cognitiva no mundo.

De modo geral, considero a leitura do livro fundamental para seguirmos reinterpretando e transformando o mundo, ainda que não compartilhe da confiança expressa pelo autor ao longo da obra acerca da existência de uma decadência do “império cognitivo”. A expressão “deslocamentos do império cognitivo” parece mais acertada para descrever o movimento de crítica ao eurocentrismo cuja história não é linear ou unidirecional. A ideia de deslocamento torna possível uma aproximação de seu pensamento a uma das ideias mais interessantes desenvolvidas por Walter Dignolo (2011), a saber, de que a decolonialidade é uma opção. Colocar as epistemologias do Sul como opção, assim como o faz Dignolo em relação à decolonialidade, significa dizer que, para além de serem projetos epistêmicos, são, sobretudo, projetos éticos. Fazer epistemologias do Sul implica assumir uma postura reflexiva acerca das normas pelas quais nos constituímos como sujeitos ético-epistêmicos, problematizando os limites do pensável e do impensável. Trata-se de um exercício de liberdade, um movimento contínuo de se lançar na historicidade da condição humana para que dela possa surgir o contingente, mas também o necessário, contra as hierarquias impostas ou supostas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado. O livro de Boaventura é, certamente, um importante convite a este exercício.

Referências

MARX, K. Teses sobre Feuerbach. In: **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MIGNOLO, W. **The darker side of Western modernity: global futures, decolonial options**. Durham & London: Duke University Press, 2011.

SANTOS, B.S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, B.S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.



Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/para/ desde América Latina, Caribe, África e Ásia é um periódico online de publicação semestral do grupo de pesquisa homônimo ligado à Universidade Federal da Integração Latino-Americana em Foz do Iguaçu/PR. Seu objetivo é divulgar estudos e investigações sobre ou desde o pensamento social e político latino-americano, caribenho, africano e asiático, promovendo o diálogo Sul-Sul.

ISSN 2526-7655



ISSN 2526-7655



9 772526 765008